



Recebido: 15/04/2013
Aprovado: 04/06/2013
Publicado: 10/06/2013

4. O Presentismo e a Revolução Documental: As Páginas da Internet como Documentos de Pesquisa para a História - Da volatilidade à Instantaneidade

Julia Massucheti Tomasi^I

Este artigo procura analisar a utilização das páginas da internet como um documento para o campo da história, lembrando-se que essas ainda são praticamente escassas nas pesquisas históricas. Enfatizam-se assim, as causas para o descaso e/ou preconceito com as fontes online, como a volatilidade e instantaneidade dos documentos virtuais, a incredulidade nas páginas, a imensidão de documentos à disposição do historiador, e ainda a diferenciação dos suportes eletrônicos para aqueles mais conhecidos, como o suporte em papel.

Palavras-chave: Documentos Virtuais, Internet, História do Tempo presente, Presentismo.

Presentism and the documentary revolution: the pages of the internet as research documents for history - the instantaneous to the volatility

This article analyzes the use of websites as a document to the field of history, remembering that these are still scarce at practically historical research. Emphasis is then the causes for the neglect and / or prejudice with online sources, such as volatility and immediacy of virtual documents, the incredulity on the pages, the immensity of documents available to the historian, and further differentiation of electronic media for those more familiar, such as the paper backing.

Keywords: Virtual Documents, Internet, History of the Present Time, Presentism.

Pesquisar a internet é algo bastante recente, principiando nos finais do século XX. Nas ciências humanas, “as abordagens computacionais têm aberto caminhos e, enquanto as ‘humanidades digitais’ eram um campo relativamente marginal no final do século XX, muitos agora as consideram parte essencial do conhecimento humanístico contemporâneo.”^{II} Autores como Paul Virílio, Pierre Lévy e Manuel Castells são alguns dos primeiros que se debruçaram nos estudos do espaço virtual, abordando assuntos como o surgimento do computador e da internet e suas consequências para a sociedade contemporânea, os vínculos e sociabilidades nos ambientes virtuais, as relações entre o real e o virtual, entre outras temáticas.

A internet pode ser utilizada de variados modos como um aporte de pesquisa, tendo em vista que, além de objeto de pesquisa (aquilo que se estuda), pode ser empregada também como “local de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, instrumento de pesquisa (por exemplo, ferramenta para coleta de dados sobre um dado tema ou assunto.”^{III} Assim, um



Recebido: 15/04/2013
Aprovado: 04/06/2013
Publicado: 10/06/2013

pesquisador pode empregar uma determinada página da internet como um objeto de estudo, ou ainda como local e instrumento de pesquisa.

Após a difusão e propagação das comunidades virtuais, especialmente no início do século XXI, como as redes sociais (como o Orkut e o Facebook), e os blogs, pôde-se constatar um nítido aumento do percentual de internautas. Com isso, os estudos sobre o tema nas ciências humanas também ganharam um maior espaço, além de terem se expandido, sendo ampliados, a partir de então, os trabalhos sobre as diversificadas formas de sociabilidades nos espaços virtuais. Entre uma diversidade de assuntos abordados atualmente pelos pesquisadores, pode-se destacar: as relações entre os usuários da internet, como as amizades e os namoros *on-line*, além dos contemporâneos diários virtuais, de modo que tais estudos sobre o espaço virtual tendem atualmente a considerar “o Ciberespaço, não como um artefato, mas como um conjunto de processos que permitem interações sociais e possibilitam a emergência de grupos”, conforme destaca Theophilos Rifiotis.^{IV}

Contudo, as páginas da internet são ainda para o campo da história um documento pouco abordado e estudado, sendo praticamente escassas as pesquisas históricas que utilizam os documentos virtuais ou os discutem durante o final do século XX e a primeira década do XXI. Mas, quais são as causas para tal descaso e/ou preconceito com estes documentos? Uma das principais razões para a escassa utilização é a sua volatilidade, tendo em vista que as páginas virtuais raramente são guardadas em um “suporte mais duradouro, como o papel ou o CD-ROM. Em lugar da durabilidade e permanência, como no mundo dos livros, há a vantagem de quantidade, velocidade e rapidez.”^V Para François Cadiou et. al.^{VI} extrema volatilidade e a instantaneidade da internet são duas das principais características dos documentos virtuais, tendo em vista que “praticamente três quartos das páginas têm uma duração de vida inferior a quatro meses, e a capacidade de arquivagem não consegue acompanhar uma produção em crescente evolução.”

Portanto, verifica-se uma visível diferença entre os documentos virtuais e os documentos históricos convencionais, em especial no que tange a durabilidade dos suportes. Alguns documentos podem durar longos anos, quando não uma dezena de séculos, dependendo, neste caso, do suporte dos documentos, como se nota com alguns papiros e pergaminhos, que vêm perdurando por séculos. Já os documentos on-line

se almacenan en medios que demuestran ser mucho más vulnerables al transcurso del tiempo. Aunque se opere en condiciones óptimas, los soportes magnéticos poseen una vida útil de diez años, mientras que los soportes ópticos, por su parte, multiplican por diez la cifra anterior. Ninguna de estas modalidades compete en cuanto a durabilidad con los medios más clásicos de transmisión de contenidos textuales e icónicos, como el papiro, el pergamino y algunos clases de papel. Por lo tanto, los documentos electrónicos demandan al historiador y al archivólogo exigencias mucho mayores a la hora de garantizar su integridad.^{VII}

Além disso, outra questão que distingue os documentos virtuais da grande maioria dos documentos históricos da contemporaneidade é que eles precisam de dispositivos para serem acessados, tendo em vista que sem computadores e “sistemas periféricos apropriados no es posible acceder a sus contenidos, a pesar de que los soportes se conserven adecuadamente. La obsolescencia acelerada de los médios de almacenamiento y de las propias herramientas y



Recebido: 15/04/2013
Aprovado: 04/06/2013
Publicado: 10/06/2013

unidades de leitura plantea serios problemas”, como destaca o historiador Juan Andrés Bresciano.^{VIII} Com efeito, um pesquisador que queira analisar ou apenas visualizar um perfil pessoal de um falecido da rede social do Orkut necessita, obrigatoriamente, de algumas ferramentas essenciais, como de um computador com acesso à internet ou de outros dispositivos que possuam conexão à rede, como os smartphones, tablets, entre outros.

E quanto à multiplicidade e aceleração de informações que a internet propõe? Conforme ressalta Luiza Lobo,^{IX} as notícias são transmitidas ao internauta através de jornais, rádios e televisões virtuais, além de outras mídias on-line, durante as vinte e quatro horas do dia, esteja o usuário em qualquer local que possua um acesso à internet. Logo, a internet tornou-se “um passo adiante na aceleração da transmissão da notícia”,^X sendo que essa aceleração de informações e o ritmo de vida cada vez mais veloz são características da sociedade contemporânea.

Nas últimas décadas, vive-se uma busca frenética pela abundância e intensificação de informações, sejam elas verdadeiras, relevantes, adequadas ou reais. Estes são sintomas do tempo em que se vive, das catástrofes, rupturas e de fortes acelerações na experiência do tempo vivido, no qual o patrimônio e em especial a memória valem como respostas do presentismo, o atual regime de historicidade, conforme alude François Hartog.^{XI} De forma sintetizada, como conceitua Hartog,^{XII} o Ocidente vivencia uma ênfase crescente no presente, de modo que o futuro, anteriormente tão evocado, ocupa cada vez menos lugar quando comparado ao presente: é o presente e nada além do presente. Este presente se caracteriza como “massivo, invasor, onipresente, que não tem outro horizonte além dele mesmo, fabricando cotidianamente o passado e o futuro do qual ele tem necessidade. Um presente já passado antes de ter completamente chegado.

Mas, desde o fim dos anos 1960, este presente se descobriu inquieto, em busca de raízes, obcecado com a memória.”^{XIII} François Hartog destaca com isso, o medo, nos dias de hoje, de nada esquecer e a vontade de preparar um museu do amanhã e reunir os arquivos de hoje como se já fosse ontem, visto que estamos tomados entre a amnésia e a vontade de nada esquecer. Questiona para quem faríamos este museu e responde que para nós mesmos. Enfim, como bem sintetiza Hartog,^{XIV} vivemos em um presente que, por não ter passado e futuro, ele os gera.

Essas são características de um presente hipertrofiado e “que tem a pretensão de ser seu próprio horizonte”,^{XV} de forma que as solicitações do mercado acabam desempenhando um papel fundamental, como as alterações científicas e o ritmo cada vez mais acelerado das mídias, que tornam as mercadorias e os produtos rapidamente obsoletos. Vive-se um ritmo de alterações “nunca visto em todos os níveis da vida social e uma standardização inusitada de tudo”, conforme aponta Frederic Jameson.^{XVI}

Na mesma direção, encontramos as reflexões de Andreas Huyssen^{XVII}, que diz que vivemos em um presente cada vez mais encolhido, sendo que a aceleração das inovações tecnológicas fabrica produtos praticamente obsoletos, que já saem atrasados, como exemplifica através da venda de computadores. Utensílios digitais e peças que acabaram de ser lançados nas lojas se tornam, em muitos casos, versões desatualizadas, quando não uma “peça de museu”. Isto porque o tempo que um produto permanece nas “prateleiras tem obviamente encurtado de uma maneira muito radical, e com ele a extensão do presente que, no sentido de Lübbe, foi se



Recebido: 15/04/2013
Aprovado: 04/06/2013
Publicado: 10/06/2013

contraindo simultaneamente à expansão da memória do computador [quanto mais bites de memória, melhor é o computador].^{»XVIII}

Ligado a essa aceleração do presente e a “síndrome da memória”, nota-se que, no mercado, o passado está chamando mais atenção do consumidor do que o futuro, o que significa que os vendedores estão lucrando mais com os produtos relacionados ao passado, como as vendas de retrô. São rádios, móveis, televisores e uma imensidão de eletrodomésticos fabricados nos últimos anos e que imitam modelos criados no passado. A partir de então, Huyssen discute a relação entre os arquivos digitalizados e a memória do nosso tempo. A existência dos computadores é historicamente recente, criados há aproximadamente meio século, porém, parafaseando Huyssen^{XIX} “precisamos de ‘arqueólogos de dados’ para desvendar os mistérios dos primeiros programas”, como se pode exemplificar a partir da utilização dos disquetes.

Os disquetes, por exemplo, foram criados no início da década de 1970 para armazenar arquivos digitais, e já se tornaram, no século XXI, objetos de museu. Devido ao aumento do tamanho dos arquivos e o pouco espaço que o disquete suportava para armazenar dados, e principalmente visto a existência de outras mídias de armazenamento como CD, DVD, pendrive e cartão de memória, o disquete caracteriza-se atualmente como um item obsoleto. Tendo em vista que os computadores fabricados nos últimos anos não possuem mais entrada para este dispositivo, como acessar os arquivos e as informações guardadas dentro dos disquetes?

Conforme lembra Juan Andrés Bresciano,^{XX} na atualidade

ya no existen computadoras que dispongan de disqueteras para unidades de 5¼. Algunas máquinas carecen directamente de disqueteras, y en pocos años muy probablemente no dispongan de bandejas de lectura de discos compactos, puesto que el pendrive tiende a substituir tanto al cd como al dvd, en cuanto soportes de preferencia. Si no se cobra conciencia de este hecho y no se adoptan las providencias del caso, **los historiadores del presente y del futuro inmediato se verán privados de materiales valiosos para el desarrollo de sus investigaciones.** (grifo meu).

Pode-se deparar com o mesmo problema nas filmagens gravadas em fita cassete, devido à dificuldade de ainda se encontrar um aparelho de vídeo cassete. A partir destas constatações, surgem diversos questionamentos: Os dados gravados nesses dispositivos não poderão mais ser acessados? Serão eles definitivamente esquecidos? E o CD, DVD, cartões de memória e pendrive passarão daqui a alguns anos pelas mesmas dificuldades e problemáticas? De modo resumido, estas são algumas características do avanço das tecnologias, que podem gerar, a curto prazo, as ameaças do esquecimento, conforme pontua Andreas Huyssen.^{XX}

Outra questão bastante abordada e discutida nas mídias e nas pesquisas acadêmicas sobre o espaço virtual é a credibilidade dos documentos on-line. Como lembrar Luiza Lobo, na internet

Tudo é verossímil e nada é autêntico ou verdadeiro; tudo se corta-copia-e-cola, num texto em que o simulacro é indiscernível e já não é condenável, como ainda ocorria em Baudrillard, pois é o tecido da própria realidade. Tudo se repete e reproduz e é usado sem nenhuma aura, como havia anunciado Benjamin.^{XXII}

Este é, sem dúvida, outro motivador para os historiadores verem os documentos virtuais com mais cautela e precaução, e conseqüentemente estes serem menos utilizados nas pesquisas



Recebido: 15/04/2013
Aprovado: 04/06/2013
Publicado: 10/06/2013

históricas, já que se costuma dar maior credibilidade e ter-se mais confiança em uma notícia disponibilizada em um jornal de papel do que em um site de jornal virtual. Como destaca Manuel Castells,^{XXIII} dá-se maior confiabilidade aos meios de comunicação “convencionais”, como os jornais “La Vanguardia, ao New York Times, a El País [...] do que àquilo que Manuel Castells possa colocar na rede em determinado momento”.

Um dos principais motivos para tal desconfiança e receio nas informações presentes no espaço virtual é a ausência da especificação de autoria e datação em muitas das notícias, não se conhecendo quem escreveu tais informações e quando estas foram postadas no site. Outro mote que se refere à incredulidade no espaço virtual, é que qualquer um pode se tornar autor, postando-se dados e informações nos mais variados sites, de forma que as cópias e reproduções de ideias são comuns na web, já que a atribuição autoral é bastante rara. Assim, além de serem encontrados no mundo on-line documentos e obras sem autoria e datação de criação, muitos deles são cópias e plágios.

Além disso, outra questão que se deve ressaltar é a alteração dos textos no suporte de papel para o formato eletrônico. Tanto para o leitor, como para o escritor, as transformações de um suporte para o outro são significativas e bastante expressivas, sendo que alguns indivíduos consideram que o suporte eletrônico traz melhorias, e, ao mesmo tempo, implicações negativas, como a falta de contato do leitor com o papel, ou mesmo o distanciamento que o computador promove entre o autor e sua obra. Como destaca o historiador Roger Chartier,^{XXIV} o leitor

do livro em forma de códex coloca-o diante de si sobre uma mesa, vira suas páginas ou então o segura quando o formato é menor e cabe nas mãos. O texto eletrônico torna possível uma relação muito mais distanciada, não corporal. O mesmo processo ocorre com quem escreve. Aquele que escreve na era da pena, de pato ou não, produz uma grafia diretamente ligada a seus gestos corporais. Com o computador, a mediação do teclado, que já existia com a máquina de escrever, mas que se amplia, instaura um afastamento entre o autor e seu texto.

Notam-se então as profundas modificações da relação do indivíduo (tanto o leitor, quanto o escritor) com o suporte de papel e o eletrônico, como o contato com os livros, jornais e revista em suporte de papel, para aqueles em formato eletrônico. No mundo virtual, ao mesmo tempo em que existe um afastamento para o autor e para o leitor, conforme aponta Roger Chartier, a pessoa possui, todavia, a liberdade de se tornar editor e também distribuidor. Tal fato pode ser elucidado através de revistas científicas que são encontradas somente no suporte eletrônico, de forma que os sujeitos são ao mesmo tempo seus “autores, editores, distribuidores, leitores.”^{XXV}

Outro ponto que se deve ressaltar é a relação do historiador com os documentos virtuais. Segundo Juan Andrés Bresciano,^{XXVI} a aparição da internet como uma rede de escala “planetária engendra diversas clases de fuentes, que potencian la labor heurística del historiador en un grado superlativo. Estas fuentes —los sitios web— conforman un dominio de Internet que se organiza en un conjunto de páginas, cada una de las cuales constituye un documento.” Na atualidade, o historiador pode se deparar com um excesso de documentos, como os documentos escritos, visuais, orais e virtuais, sendo que uma das vantagens da contemporaneidade é o historiador dispor das testemunhas vivas.^{XXVII}



Recebido: 15/04/2013
Aprovado: 04/06/2013
Publicado: 10/06/2013

Além disso, esse “sentimento de imensidão [de documentos] foi acompanhado pela revolução documentária causada pela internet”, como lembra François Cadiou et. al.^{XXVIII}, de forma que uma característica essencial da internet é a sua capacidade de cruzar os documentos, especialmente através dos bancos de dados, podendo-se armazenar e interligar documentos de variados tipos, como os escritos, orais, imagéticas e virtuais em um mesmo arquivo. Um historiador pode integrar seus estudos em um banco de dados, como, por exemplo, um historiador que pesquisa atualmente a morte do ex-presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, que ocorreu em meados do século XX, no ano de 1963. Tal pesquisador pode reunir em um único banco de dados diversos documentos, como uma fotografia do sepultamento, um fragmento do seu obituário no jornal, uma reportagem sobre seu sepultamento divulgada por um canal de televisão da época e uma atual página das comunidades do *Orkut* que homenageiam o presidente, entre elas a comunidade “John Kennedy ®”^{XXIX}, criada em 22 de julho de 2004 e “John Fitzgerald Kennedy”,^{XXX} criada no dia 13 de setembro de 2005.

Enfim, observa-se que as páginas da internet trouxeram novas ferramentas e recursos para os pesquisadores das mais variadas áreas, podendo estes utilizar uma imensidão de páginas virtuais que está a sua disposição. Juan Andrés Bresciano^{XXXI} elenca nove modalidades de sites que um historiador pode pesquisar ou utilizar como um espaço de análise, como por exemplo os sites institucionais, os empresariais, os pessoais, os comunitários, os de comércio eletrônico, os recreativos, os informativos, os referenciais e os sites para a identificação e acesso a outras páginas da internet. Entre eles, podem-se destacar os sites comunitários, recreativos e informativos:

(iv) Los sitios comunitarios: Constituyen verdaderos ámbitos de socialización para personas que comparten intereses comunes. Su utilización resulta imprescindible para cualquier historiador que intente comprender los mecanismos y las dinámicas de las formas actuales de interacción microsocia.^{XXXII}

(iv) Los sitios recreativos. Brindan diversas clases de entretenimientos (pagos o gratuitos), que facilitan al investigador el estudio de las actividades lúdicas en El ciberespacio, y el análisis de las formas contemporáneas de diversión, basadas en el vínculo entre un usuario y diversos programas y archivos, o entre varios usuarios que mantienen un contacto virtual.

(vii) Los sitios informativos. Presentan las ediciones digitales de los órganos de prensa y de los medios audiovisuales característicos del mundo contemporáneo. Gracias a estos sitios, el historiador puede consultar directamente el número de un periódico, un cable de una agencia de noticias, un programa radial o televisivo, sin acudir a los repositorios tradicionales (como las bibliotecas) o a los diarios, radios y canales. A ello se suma el hecho de que algunos servicios de información existen a través de un medio exclusivamente digital.^{XXXIII}

Contemporaneamente, conforme supracitado, os estudos relacionados com os sites recreativos, como os blogs ou as atuais redes de sociabilidade do *Orkut* e *Facebook* são certamente um dos mais presentes nas pesquisas das ciências humanas. Entre os assuntos mais



Recebido: 15/04/2013
Aprovado: 04/06/2013
Publicado: 10/06/2013

abordados estão as sociabilidades e vínculos estabelecidos entre os internautas, como as relações de amizades e os namoros virtuais encontrados nas páginas das redes de sociabilidade

Por fim, devem-se abordar as questões éticas da pesquisa no espaço virtual. Este é um tema bastante versado nas atuais pesquisas acadêmicas das ciências humanas, mas caracteriza-se por ainda denotar ambiguidade. Afinal, como o pesquisador deve prosseguir com as identidades, os nomes e as imagens dos internautas na imensidão de sites da internet, em especial naqueles que falam do eu, como os diários virtuais – blogs, os perfis pessoais do Orkut e do Facebook? E a privacidade do internauta em um espaço que é público, mas que pode falar da intimidade e de seus segredos mais particulares? Estudiosos como Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral^{XXXIV} destacam “a necessidade de discussão e reflexão sobre o papel do pesquisador, seus direitos e deveres em relação aos sujeitos pesquisados.”

Deve-se lembrar, nesse sentido, dos princípios éticos de um pesquisador, omitindo-se, quanto necessário ou conveniente, os nomes e rostos dos indivíduos, ou utilizar outros recursos, como usar apenas as iniciais dos nomes dos internautas, como procedeu Maria Elisa Máximo, em uma de suas pesquisas. Esta viu a necessidade, para fins descritivos, de se ter “um indicador de suas identidades [dos internautas] para tornar compreensível alguns aspectos da dinâmica de interações na lista Cibercultura-L. Os outros elementos que identificam os participantes, como o endereço eletrônico, [...] [foram] substituídos por variáveis.”^{XXXV}

Segundo o antropólogo Theophilos Rifiotis^{XXXVI}, a dimensão ética da pesquisa no ciberespaço, que sempre pautou as discussões no campo da antropologia, está sendo novamente colocada em debate nas pesquisas acadêmicas. Salienta, dessa forma, que nas pesquisas em sites de listas de discussão, o anonimato não é resolvido com um “login, user id, nickname, e-mail, etc. ‘Devo me identificar? E como fazê-lo?’, são perguntas típicas de pesquisa. ‘Bom senso’, neste caso, como se pode prever é panaceia. Entrar numa lista de discussão se apresentando como pesquisador da própria lista é uma atitude correta”, como pontua Rifiotis.^{XXXVII}

Resumidamente, utilizar as páginas da internet como documentos de pesquisa para a história ainda é visto como tabu por muitos pesquisadores, tendo o historiador pouco se debruçado sobre tais documentos, já que estes suscitam, de certo modo, estranheza. Os motivos para esse fato são variados, conforme elencados no decorrer deste artigo, em especial devido à volatilidade e instantaneidade dos documentos virtuais, a incredulidade nas páginas, a imensidão de documentos à disposição do historiador, e ainda a diferenciação dos suportes eletrônicos para aqueles mais conhecidos, como o suporte em papel. Entretanto, muitos historiadores vêm utilizando o espaço virtual como um novo campo de pesquisa que é bastante riquíssimo e inovador, mas que necessita da arteficialidade e do olhar crítico do historiador. E, através desses novos documentos, como bem sintetiza François Cadiou et al.,^{XXXVIII} pode-se “afirmar que os historiadores de hoje se interessam pela maneira como o tempo é vivido, seja ele como memória, compreensão do passado ou representação do futuro.”

Assim, inversamente ao que muitos pensam, nota-se que os historiadores do tempo presentes estão começando a empregar as páginas da internet como um novo ambiente de pesquisa.

Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, Rodovia Marechal Rondon, s/nº, sala 06 do CECH-DHI,
Bairro Jardim Rosa Elze, São Cristóvão – SE, CEP: 49.000-000, Fone: (79) 3043-6349.

E-mail: caderno@getempo.org



Recebido: 15/04/2013
Aprovado: 04/06/2013
Publicado: 10/06/2013

Deste modo, importante ressaltar que, como qualquer outro documento, as páginas do espaço virtual não são por si só um documento, como nos lembra Jacques Le Goff.^{XXXIX} Para tal, necessita-se do dever primordial do historiador, que é submeter o documento a uma crítica mais radical, ou, como lembra Antoine Prost,^{XL} é necessário ser historiador para criticar um documento e para formular uma questão histórica.

Ainda, segundo Prost^{XLI} e Marc Bloch^{XLII}, não existe história sem que haja a crítica dos documentos, sejam elas as críticas internas e externas, devendo o historiador interpretar e questionar seus documentos, fazendo um interrogatório e desconfiando das respostas que o documento pode trazer, além de distinguir os documentos falsos e verdadeiros, devendo o historiador, para tal, conhecer os variados suportes documentais e tipos de escritas.

Em suma, como bem resume em algumas palavras o historiador Lucien Febvre,^{XLIII} a história

se faz com documentos escritos, sem dúvida. Quando esses existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitos pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.

Notas

^I Doutoranda em História pela UFSC e mestre em História pela UDESC. Este artigo faz parte da dissertação intitulada “**Eternamente Off-Line**: as práticas do luto na rede social do *Orkut* no Brasil (2004-2011)”, defendida no ano de 2013 e financiada pela CAPES.

^{II} HALAVASIS, Alexander. Prefácio. In: FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 15.

^{III} FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 17.

^{IV} RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia do Ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. In: RIFIOTIS, Theophilos et. al. (Org.). **Antropologia no ciberespaço**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010. p. 21-22.

^V LOBO, Luiza. **Segredos públicos**: os blogs de mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. p. 12.

^{VI} CADIOU, François; COULOMB, Clarisse; LEMONDE, Anne; SATAMARIA, Yves. Os valores e o direito; As fontes; História e imagens; História, tempo e relatos. In _____. **Como se faz a História**: historiografia, método e pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 140.



Recebido: 15/04/2013
Aprovado: 04/06/2013
Publicado: 10/06/2013

^{VII} BRESCIANO, Juan Andrés. **La historiografía en el Amanecer de la cultura Digital**: Innovaciones metodológicas, Discursivas e institucionales. Ediciones Cruz Del Sur, 2010. p. 26-27.

^{VIII} Idem, p. 27.

^{IX} LOBO, Luiza. Op.cit. p. 12.

^X Idem.

^{XI} HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 22, n° 36: p. 261-273, Jul/Dez 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v22n36/v22n36a02.pdf>>. Acesso em 10 jul. 2011. p. 272.

^{XII} HARTOG, François. Tempo, História e a escrita da História: a ordem do tempo. **Revista de História**, n. 148, São Paulo, 1°. Sem. 2003, p. 27.

^{XIII} HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. Op. cit. p. 270.

^{XIV} Idem, p. 272.

^{XV} HARTOG, François. “Regimes de Historicidade”. **International Review of Social History**, n. 38, 1993. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html>>. Acesso em 24 abr. 2011. p. 9.

^{XVI} JAMESON, Frederic. **As Sementes do Tempo**. São Paulo: Ática, 1997.

^{XVII} HUYSEN, Andreas. “Passados presentes: mídia, política, amnésia”. In: **Seduzidos pela Memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 28.

^{XVIII} Idem.

^{XIX} Idem, p. 33.

^{XX} BRESCIANO, Juan Andrés. Op. cit. p. 27.

^{XXI} HUYSEN, Andreas. Op. cit. p. 33.

^{XXII} LOBO, Luiza. Op.cit. p. 65.

^{XXIII} CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 286.

^{XXIV} CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 13-16.

^{XXV} Idem, p. 146.

^{XXVI} BRESCIANO, Juan Andrés. Op. cit. p. 23.

^{XXVII} CADIOU, François; COULOMB, Clarisse; LEMONDE, Anne; SATAMARIA, Yves. Op. cit. p. 138.

^{XXVIII} Idem, p. 140.



Recebido: 15/04/2013
Aprovado: 04/06/2013
Publicado: 10/06/2013

XXIX Comunidade da rede social do Orkut. Disponível em:
<<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=196205>>. Acesso em 12 abr. 2012.

XXX Comunidade da rede social do Orkut. Disponível em:
<<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=5008054>>. Acesso em 12 abr. 2012.

XXXI BRESCIANO, Juan Andrés. Op. cit. p. 24-26.

XXXII Idem, p. 24.

XXXIII Idem, p. 25.

XXXIV FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Op. cit. p. 22.

XXXV MÁXIMO, Maria Elisa. Compartilhando regras de fala: uma análise da dinâmica de interação na lista eletrônica de discussão “cibercultura”. In: RIFIOTIS, Theophilos et. al. (Org.). **Antropologia no ciberespaço**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010. p. 155.

XXXVI RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia do Ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. In: RIFIOTIS, Theophilos et. al. (Org.). **Antropologia no ciberespaço**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010. p. 23.

XXXVII Idem.

XXXVIII CADIOU, François; COULOMB, Clarisse; LEMONDE, Anne; SATAMARIA, Yves. Op. cit. p. 171.

XXXIX LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In **História e Memória**. 5a. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

XL PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. São Paulo: Autêntica, 2009.

XLI Idem.

XLII BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

XLIII FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Presença, 1989. p. 21.

Referências Bibliográficas

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BRESCIANO, Juan Andrés. **La historiografía en el Amanecer de la cultura Digital: Innovaciones metodológicas, Discursivas e institucionales**. Ediciones Cruz Del Sur, 2010. 199 p.

CADIOU, François; COULOMB, Clarisse; LEMONDE, Anne; SATAMARIA, Yves. Os valores e o direito; As fontes; História e imagens; História, tempo e relatos. In _____. **Como se faz a História: historiografia, método e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 120-171.



Recebido: 15/04/2013
Aprovado: 04/06/2013
Publicado: 10/06/2013

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 255-287

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1998. 160 p.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Presença, 1989.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

HALAVAIS, Alexander. Prefácio. In: FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

HARTOG, François. “Regimes de Historicidade”. **International Review of Social History**, n. 38, 1993. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html>>. Acesso em 24 abr. 2011. _____ . Tempo e Patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 22, n° 36: p. 261-273, Jul/Dez 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v22n36/v22n36a02.pdf>>. Acesso em 10 jul. 2011. _____ . Tempo, História e a escrita da História: a ordem do tempo. **Revista de História**, n. 148, São Paulo, 1º. Sem. 2003, pp. 09-34.

HUYSEN Andreas. “Passados presentes: mídia, política, amnésia”. In: **Seduzidos pela Memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 9-40.

JAMESON, Frederic. **As Sementes do Tempo**. São Paulo: Ática, 1997.

LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In **História e Memória**. 5a. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

LOBO, Luiza. **Segredos públicos**: os blogs de mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MÁXIMO, Maria Elisa. Compartilhando regras de fala: uma análise da dinâmica de interação na lista eletrônica de discussão “cibercultura”. In: RIFIOTIS, Theophilos et. al. (Org.). **Antropologia no ciberespaço**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010. p. 145-169.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. São Paulo: Autêntica, 2009.

RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia do Ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. In: RIFIOTIS, Theophilos et. al. (Org.). **Antropologia no ciberespaço**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010. p. 15-27.

TOMASI, Julia Massucheti. “**Eternamente Off-Line**”: as práticas do luto na rede social do *Orkut* no Brasil (2004-2011). 2013. 178 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História (PPGH-UDESC), Florianópolis, 2013.



GRUPO DE ESTUDOS DO
TEMPO PRESENTE

Cadernos do Tempo Presente –ISSN: 2179-2143

Edição n. 12 – 10 de junho de 2013



Recebido: 15/04/2013
Aprovado: 04/06/2013
Publicado: 10/06/2013